

## O muçulmano em terras cristãs: estudo de romances históricos

Mestre Mônica Kalil Pires<sup>i</sup>

RESUMO – *Este trabalho faz uma comparação entre Léon, l’africain e A incrível e fascinante história do Capitão Mouro, romances históricos de Amin Maalouf e Georges Bourdoukan respectivamente. Esses dois autores contemporâneos de origem libanesa criam protagonistas muçulmanos que, por obra do destino, encontram-se em terras cristãs. O personagem de Amin Maalouf entende a identidade como um processo e abre-se para o diferente; o Capitão Mouro tem uma identidade fixa que contrasta com a que percebe nos personagens cristãos. O diálogo intercultural é facilitado em um romance e limitado em outro.*

Este trabalho fará uma comparação entre *Léon, l’africain* e *A incrível e fascinante história do Capitão Mouro*, romances históricos de Amin Maalouf e Georges Bourdoukan respectivamente. Interessa verificar de que forma o deslocamento físico dos protagonistas – especificamente a passagem de uma sociedade muçulmana para uma cristã – age sobre sua identidade e faz repensar a alteridade. Compreende-se que o relacionamento interpessoal nesses romances é um microcosmo que, ampliado, revela a postura diante de diferentes culturas, isto é, a pátria é o *eu* plural, assim como o *outro* é a personificação da compreensão do *eu* sobre a outra cultura.

Identidade e alteridade são conceitos indissociáveis e variáveis, de pessoa para pessoa e de cultura para cultura. A idéia de *eu* surge junto com a noção do *não-eu*, aquilo que lhe é externo e não subalterno. Durante seu desenvolvimento, o *eu* verá o outro com temor e fascínio. Superada a idéia narcisista em que o *eu* se considera completo e perfeito, há ainda que ultrapassar a ilusão de que o *outro* tem a perfeição que ele não tem, o que é motivo de sedução e repulsa. É preciso reconhecer no *outro* a mesma fragmentação do *eu* para se atingir o diálogo entre sujeitos; do contrário, haverá um monólogo, com uma relação hierárquica, desigual.

A idéia primitiva de *outro* como aquele ser que é diferente do *eu* se diluirá com a identificação de aspectos associados ao *outro* dentro do *eu*. Todorov explica:

Pode-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não se é uma substância homogênea, e radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo; eu é um outro. Mas cada um dos outros é um eu também, sujeito como eu. (TODOROV, 1988, p. 3)

Reconhecendo essa mistura, essa heterogeneidade, é possível admitir a transformação sem temê-la, sem considerá-la como um abandono da unidade do *eu*. Assim, é possível afirmar que a forma como alguém concebe o *outro* determina também o seu grau de abertura para a descoberta e para a transformação.

Quando o *outro* é visto como um sujeito, ele torna-se autor de seu próprio discurso e assim pode apresentar possibilidades diferentes de leitura do mundo para o *eu* com o qual está em relação. Enquanto sujeito, é um ser aberto, em transformação permanente, com liberdade para criar e com a mesma gama que o *eu* de possibilidades de viver sua vida. Somente com o *outro* concebido como sujeito é possível estabelecer verdadeiramente um diálogo, já que isso exige a existência de dois sujeitos, ao mesmo tempo falantes e ouvintes, capazes de respeitar a diferença e desejosos de criar pontes entre esses dois mundos, essas duas subjetividades. Aqui, o *eu* aceita a incompletude do *outro*, pois é capaz de reconhecê-la em si mesmo.

Outro tipo de relação interpessoal é aquela em que o *eu* falante concebe o *outro* como um objeto. Nesse caso, o *eu* exige que ele se adapte a modelos estabelecidos pela tradição ou pela experiência pessoal, sejam eles positivos ou negativos. Ao criar uma imagem do *outro* em sua mente, e ao querer enquadrá-lo dentro disso, o *eu* o reduz a uma projeção de suas expectativas; o *outro* pode ser um herói ou um monstro, mas, de qualquer forma, não tem o mesmo status de pessoa que o *eu* tem, uma vez que depende da consciência dominante de alguém para existir.

Essa relação do ser humano com o diferente se manifesta no mito grego de Procusto, um homem que vivia na floresta e exigia que todos os que entrassem em seu território se deitassem em um leito que servia de modelo: quem fosse menor que a fôrma seria espichado e quem fosse maior teria as sobras aparadas. Ou seja, Procusto cobra do *outro* a igualdade e concebe a alteridade como uma falha. Nesse caso, o *eu* também é vítima de sua concepção do *outro*, já que exige de si a mesma coerência que cobra do *outro*. Compreende que existe um modelo ideal, correto, verdadeiro, ao qual tanto o *outro* quanto ele mesmo, sujeito criador, deve se adequar. O que sobrar ou faltar, também nele deve ser cortado ou espichado. A idéia é mais forte que a realidade; nesse sentido, a projeção criada pelo homem é mais importante que o próprio homem. A criatura se sobrepõe ao criador.

Essas relações interpessoais se reproduzem nas relações interculturais, afinal o encontro de culturas é antes de mais nada o encontro de pessoas. Assim, conforme o sujeito se compreende e se insere dentro de sua sociedade, ele compreenderá o *outro* e tudo que o acompanha, de forma mais ou menos aberta e igualitária.

No caso da cultura do *outro* ser tomada como um objeto, a relação é etnocêntrica, isso é, uma é tida como superior e a outra inferior. Nesse caso, a cultura que se considera superior e ideal, modelar, compreende que existe uma identidade fixa que supera o tempo e o espaço e que deve ser defendida de invasores. A xenofobia de uma sociedade é a expansão de um terror individual, que vê no *outro* um intruso a ser rechaçado.

Para que a relação intercultural seja de igualdade, é necessário que as diferenças sejam reconhecidas e consideradas como alternativas possíveis para a resolução de problemas específicos. Ao contrário da postura egocêntrica ou etnocêntrica, quando o *outro* é visto como sujeito, ou quando uma cultura estabelece uma relação de igualdade com a outra, a convivência de várias verdades é compreendida como enriquecedora. O *eu* pode ter suas crenças, mas não visa eliminar as crenças do *outro*, por mais diferentes que elas pareçam. Pelo contrário: ao conhecer a forma do *outro* compreender o mundo, pode ver alternativas que antes não via, alcançar idéias que antes não concebia.

Se são aceitos vários *eus* internos ou se dentro de uma cultura existe o reconhecimento do pluralismo, das contradições, o *outro* não é uma ameaça, visto que ele faz parte da própria idéia de identidade. A transformação não nega a identidade, porque está dentro dela.

Memel-Fote afirma:

(...) as sociedades unidas e ricas, vivas, pacíficas, duradouras, são construídas, não sobre identidades exclusivas contra alteridades absolutas, mas sobre identidades relativas em relação a alteridades igualmente relativas, pelas associações e alianças de etnias, de raças, de crenças, até de classes sociais. (MEMEL-FOTE in AHLMARK et alii, 2000, p. 51)

Embora o contato entre culturas seja extremamente enriquecedor, o ódio, a intolerância tem sido o produto mais comum, seja pelo sentimento de humilhação, seja pelo medo do desconhecido ou ainda pela redução das pessoas a estereótipos. Mais do que a televisão ou o cinema, a arte literária tem a capacidade de estabelecer um contato íntimo, não-racional dos leitores com seres que não são reais mas existem na imaginação de quem lê. A literatura, proporcionando a convivência com os dramas de determinado personagem, faz com que o leitor conheça em profundidade uma

outra forma de ver o mundo e organizá-lo e assim desenvolva a crítica a respeito do mundo e das escolhas do *eu*.

O estudo dos romances *Léon, l'africain* e *A incrível e fascinante história do Capitão Mouro* permitirá ver duas possibilidades diferentes de compreensão da identidade e de diálogo com o *outro* e sua cultura.

*Léon, l'africain* abrange o período de 1488 a 1527 e conta a história – baseada em um personagem real - de Hassan, que nasce em Granada nos últimos anos do domínio muçulmano e que, com a Reconquista (cristã), é obrigado a fugir para o Marrocos junto com a família, para não sofrer as punições reservadas aos não-cristãos colocadas em prática pelos Reis Católicos, Isabel e Fernando. Em Fez, sua família enfrenta alguns problemas (principalmente causados pelo despotismo dos poderosos) e o destino faz com que Hassan alterne períodos de riqueza e de dificuldade. Já adulto, ele é obrigado a se exilar por dois anos; na viagem, passa por várias aventuras. Quando volta de sua peregrinação a Meca, é raptado e levado como escravo para o papa Leão X, o mesmo que foi mecenas de homens como Rafael e Michelângelo. Em Roma, ele é convidado a escrever sobre a África, se torna professor de árabe para interessados homens da corte e colaborador de um dicionário: o *Anti-Babel*. É batizado pelo papa com o nome cristão de “Leão”. Depois, Roma é invadida por soldados de Carlos V e por protestantes furiosos; ele é novamente obrigado a fugir, dessa vez retornando para o Marrocos.

Outro deslocamento provocado por piratas é o de Saifudin, protagonista de *A incrível e fascinante história do Capitão Mouro*, romance que abrange o período de 1690 a 1694, aproximadamente. Quando faz sua peregrinação a Meca, Saifudin tem seu barco atacado e é o único sobrevivente, salvo por um judeu que está a caminho do Brasil. Em terras tupiniquins, assoladas pelas doenças, o protagonista indica como deveria ser feita a limpeza da cidade e organizada a cidade; depois, foge da Inquisição – que persegue os não cristãos, especialmente aqueles que não se conformam com as regras da sociedade – e acaba chegando ao Quilombo de Palmares, onde auxilia Zumbi a fazer a fortificação do território e salva pessoas graças a seu conhecimento de medicina. Embora tenha inicialmente a intenção de voltar para sua terra natal, esse Capitão Mouro acaba se casando com uma palmarina e lutando até a batalha final contra o bandeirante Domingos Jorge Velho, em 1694.

Com esses brevíssimos resumos, começa a análise. Interessa investigar aspectos que dizem respeito a esse contato entre o estrangeiro muçulmano e as sociedades cristãs: como se dá a relação entre sociedade de origem e sociedade de recepção? Quais as formas de penetração do *outro* cristão na identidade do *eu* muçulmano?

Abdelmalek Sayad (1998) lembra que todo imigrante é, antes de tudo, um emigrante. Isso é: a relação que ele estabelecerá com a sociedade que lhe acolhe está intimamente ligada com a relação que ele tinha com a sociedade que está abandonando. Ora, para os romances em questão, temos uma diferença fundamental. Hassan é obrigado a sair de Fez, onde morava com seus familiares, porque desagrada o chefe local. Sofre uma injustiça como sua irmã já sofrera (fora acusada falsamente de ter lepra e com isso obrigada a morar por anos em um asilo de leprosos, de onde só conseguiu sair fugindo). Por isso, Hassan percebe a sociedade muçulmana como imperfeita, embora não tenha intenção de renunciar a sua fé. Saifudin, por sua vez, é atacado por piratas e naufraga quando faz sua peregrinação a Meca, isto é, quando afirma sua identidade islâmica. Em momento algum do romance encontra-se uma crítica à terra que deixou para trás. Também é o único sobrevivente de seu grupo, portanto não tem testemunha nem opositor muçulmano.

Saifudin assume a função de representante do Islã e suas características – correção moral, bravura, inteligência, disponibilidade para ajudar – devem ser lidas como características de todos os muçulmanos. Hassan, pelo contrário, é um dos muçulmanos que o romance apresenta, relativizado por outros, bons ou não, corretos ou não, violentos ou pacíficos.

Saifudin é um capitão, um guerreiro, não um comerciante/diplomata como Hassan. Este aceita negociar, perder para conquistar e faz do diálogo sua arma na luta pela sobrevivência; aquele é a “espada de Deus”, para quem a luta glorifica, traz honra mesmo na derrota. Os valores heróicos de um opõem-se ao apego à vida do outro.

A língua também marca essa postura dos heróis: Hassan é batizado de Jean-Léon (chamado de “o africano”) quando ingressa na sociedade cristã e acaba assumindo o nome de Youhanna al-Assad, seu novo nome traduzido para o árabe, ou seja, um híbrido; Saifudin recusa-se a adotar um nome cristão, que o ajudaria a fugir da Inquisição. O Capitão Mouro prefere afirmar abertamente sua personalidade, imutável. Além disso, dá um novo nome ao escravo que ele salva (Pedro vira Bilal, em homenagem ao primeiro muezim do Islã).

Em contato com os cristãos, Hassan tem um olhar não rancoroso, mas híbrido, pesando sua experiência e ao mesmo tempo aprendendo com o novo. Se ele chega a Roma como escravo de Leão X, é também por ele libertado e tratado como filho; o papa seguinte, Adriano VI, inicialmente parece ter a retidão da qual Hassan sentia falta nos cardeais com os quais ele se relacionava, mas logo o pontífice alemão se revela um fanático que irá perseguir os não-cristãos, inclusive falando em uma nova Cruzada; o próximo papa é Clemente VII que liberta seu antigo amigo da prisão onde Adriano o havia colocado. Ali, Hassan/Léon retomara o costume de fazer as cinco orações por dia. No entanto, ao encontrar com um muçulmano que tenta convencê-lo a abandonar Roma, diz: - *Ils (les hommes qui dirigent Rome) me considèrent comme un ami, je ne puis les traiter comme s'ils n'étaient que des Roum.* (MAALOUF, 1988, p. 433)<sup>1</sup>

Hassan reconhece, portanto, que os homens com quem convive, mais do que “Roum”, uma etiqueta árabe para todos os ocidentais, são seres complexos, com defeitos e qualidades. Roma deixa de ser um exílio para esse granadino/marroquino, porque ele adotou a cidade sem se sentir por isso diminuído ou alijado de parte de sua personalidade.

No romance de Bourdoukan, a igreja como um todo apóia a escravidão e a violência, além de ser corrupta e imoral. Isso aparece em diferentes momentos: ao embarcar os africanos, no início da história, um padre está presente para abençoar os carrascos; adiante, fica-se sabendo que “Jorge Velho jamais punha a tropa em campo sem a companhia de um padre” (p.133); o bispo faz um acordo com um usineiro e com o governador para aumentar o preço do açúcar (p. 200-202); o bispo exhibe “a opulência de seu ventre de magníficas pregas superpostas” (p. 174) e favorece o fazendeiro Conde para poder “usufruir” de seu amante, o negro Gaspar (p. 197).

Como contraponto, Saifudin alimenta, à distância, o mito de um Islã uno, eterno e puro. No entanto, a História mostra que os muçulmanos viviam divididos (e a luta contra os turcos é um exemplo eloquente), alternavam períodos de tolerância e outros de rejeição ao diferente e também não eram “puros”, no sentido de que se traíam internamente e também eram capazes de expulsões, carnificinas, atrocidades.

A suposta “pureza” atribuída aos muçulmanos, corresponde à corrupção por parte dos cristãos. Esses são antropófagos (cf. p. 74), depravados (cf. p. 58), sujos (cf. p. 47), sádicos (cf. p. 137) etc (curiosamente, os mesmos atributos dados aos muçulmanos por parte de cristãos intolerantes).

Em *Léon, l'africain*, inicialmente há o exílio dos granadinos no Marrocos, causado pela dominação cristã na Andaluzia. Diante dos problemas encontrados na terra de recepção, Granada se torna um lugar idealizado, um paraíso; o discurso que se solidifica é esse: terra de tolerância absoluta, de fartura, de igualdade, de união. Incapazes de assumir os próprios erros, esses granadinos colocam nos cristãos a culpa por tudo o que aconteceu. O romance, porém, não se

---

<sup>1</sup> “- Eles (os homens que dirigem Roma) me consideram um amigo. Eu não posso tratá-los como se eles não fossem mais do que simples Roum.”

coaduna com a postura de vítima, mostrando os cristãos de forma tão complexa quanto os muçulmanos, ao fazer o protagonista entrar em contato com seus antigos inimigos e rever seus próprios conceitos. Hassan percebe, na corte de Leão X uma abertura para o *outro*, na curiosidade demonstrada por outras culturas, que ele não percebia em sua sociedade de origem. No Vaticano, aprende-se árabe tanto quanto hebreu, alemão, italiano, francês etc.

Em determinado momento da narrativa, depois de viver no Cairo a violência do sultão otomano Selim, e de conhecer o esplendor cultural de Roma sob Leão X, Hassan comenta: “(...) *j’avais trouvé dans la Rome chrétienne le calife à l’ombre duquel j’aurais tant voulu vivre à Bagdad ou à Cordoue.*” (MAALOUF, 1988, p. 416)<sup>2</sup>

Essa abertura para o *outro* não acontece no romance de Bourdoukan. O Capitão Mouro é jogado na sociedade brasileira cristã, colonial, vivendo a escravidão e as perseguições da Inquisição. A postura de Saifudin será a de comparar sua sociedade de recepção a partir da sociedade de origem e considerar esta superior àquela – não diferente. De fato, Saifudin comenta a superioridade dos muçulmanos na medicina, na estrutura urbana, na educação etc. Os cristãos são desprezíveis, sem caráter, sem heroísmo.

Saifudin encontra em sua viagem forçada dois tipos de sociedades: a cristã e a palmarina. A primeira é apresentada como inferior em todos os aspectos: as cidades são imundas e cheias de doença, os médicos são charlatões, os políticos são corruptos, os amores são depravados, as pessoas são violentas. Entre os palmarinos, há amor, união, igualdade etc.

A simpatia do romance para com os negros do Quilombo de Palmares torna esse um lugar ideal, justo, igualitário: o paraíso terrestre (inclusive com a aparência física do paraíso – beleza da natureza e fartura de comida). Bourdoukan assume o discurso mítico de Palmares assim como o fizera com Granada. Palmares está para o Brasil assim como Granada estava para a Europa: um lugar de tolerância, justiça, pureza, bondade e heroísmo. Observe-se o seguinte trecho do romance, sobre os palmarinos:

Ajeitaram-se sob as árvores para passar a noite. Algumas fogueiras foram acesas. No dia seguinte, dividiram-se em grupos de caça, alimentação, vigilância e o restante da construção do novo mocambo e das paliçadas. No quilombo não havia diferenças sociais, ou privilégios. Apesar da existência de alguns escravos, todos trabalhavam igualmente. Os bens eram comuns a todos. (BOURDOUKAN, 1997, p. 93)

Bourdoukan oculta informações que apresentariam a complexidade da situação dos negros no Brasil. A História registra que, na guerra de Palmares, os bandeirantes contavam com apoio significativo – para não dizer decisivo – de um esquadrão de negros livres, que fazia alianças com os escravocratas para conseguir vantagens pessoais, como se lê a seguir:

A Coroa fez utilidade de um discurso que valorizava a atuação dos negros enquanto militares. Esse discurso concedia aos negros militares um prestígio social, assim como também vantagens materiais. Os soldados do terço de Henriques eram personagens valorizados e participavam intensamente dos conflitos ocorridos no interior da Colônia, principalmente na “guerra dos bárbaros” e no Quilombo de Palmares (...) (<http://www.seol.com.br/mneme/ed12/118.pdf> p. 11)

O protagonista de *A incrível e fascinante história do Capitão Mouro* torna o *outro* um objeto, um estereótipo de correção ou de incorreção. Fica evidente, nesse romance, a demonização do mundo cristão e o conseqüente “embelezamento” do mundo muçulmano. Esse processo passa pela simplificação histórica e pela omissão de elementos que iriam relativizar a superioridade do Islã, como o opressor e violento império otomano. Como Saifudin não volta para sua sociedade de

---

<sup>2</sup> “(...) na Roma cristã encontrei o califa à sombra do qual eu teria gostado tanto de viver em Bagdá ou em Córdoba.”

origem, vive-a somente de forma idealizada. Não retoma ou reavalia seus conceitos a partir da nova experiência.

No romance de Maalouf, o protagonista não vive apenas mergulhado em uma sociedade muçulmana, nem como representante de uma minoria em uma sociedade cristã: ele vive as duas posições, experimenta as duas condições. Isso o torna capaz de ver as falhas e as riquezas das duas sociedades.

No final, Hassan se torna um ser híbrido, capaz de reconhecer a humanidade dos dois lados, mas rejeitado também pelos dois: para os cristãos ele é o Africano; entre os muçulmanos, ele é o *Roum*. Esse movimento de ida e volta dá a Hassan uma capacidade de distanciamento e crítica. A lição que tira é de impossibilidade de redução das pessoas a fórmulas e de respeito pela diferença e pelo humano.

Esses dois romances atraem o público ocidental, curioso a respeito de uma cultura que se torna cada vez mais importante no cenário internacional. Nesse sentido, apresentam o Islã para o ocidente e com a informação, em textos interessantes e envolventes para o leitor, minam o preconceito. A diferença principal entre os dois é que, como se viu, um dá ênfase à superioridade histórica de uma cultura sobre a outra, enquanto o outro enfoca a experiência humana e prova que ambos os lados têm algo a aprender e algo com o que contribuir. Bourdoukan idealiza amigos e inimigos do Capitão Mouro e com isso torna a identidade do protagonista e a dos outros algo fixo e imutável; Maalouf dá a muçulmanos e cristãos o status de sujeito, mostrando-os como seres complexos, e assim promove o diálogo intercultural.

## **Referências Bibliográficas**

AHLMARK et alii. **Foro Internacional sobre a Intolerância**. Academia Universal das Culturas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BOURDOUKAN, Georges Latif. **A incrível e fascinante história do Capitão Mouro**. São Paulo: Sol e Chuva, 1997.

MAALOUF, Amin. **Léon, l'africain**. Paris: Lattès, 1988.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. (prefácio de Pierre Bourdieu) São Paulo: Edusp, 1998.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

<http://www.seol.com.br/mneme/ed12/118.pdf> Acesso em: 30 de abril de 2006.

---

<sup>1</sup> **Mônica Kalil PIRES**, mestre em Literatura Brasileira e Doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, bolsista do CNPq. [monicakalil@gmail.com](mailto:monicakalil@gmail.com)